PLACAR
SÉRIE GRANDES ÍDOLOS 3
EDITORA ABRIL
JULHO/91 Cr$ 900,00
JÚNIOR
A trajetória de um craque com a alma rubro-negra
Todos os títulos com a camisa do Flamengo
Um superposter para você colecionar

TOTALMENTE CARIOCA

Ídolo rubro-negro, craque com a bola no pé ou com um pandeiro na mão, ele é a perfeita imagem do jogador do Rio

Por MARTHA ESTEVES

Embora sua carteira de identidade diga o contrário, Júnior é carioca até no jeitinho de andar. Onde quer que esteja, tem por perto uma bola ou um pandeiro. Com eles, brilhou nas areias de Copacabana entre o futebol e as rodas de samba assim que chegou de João Pessoa, onde nasceu. Por eles, fez fama com a camisa do Flamengo e nos discos de pagode. Habilidoso, foi um dos destaques rubro-negros nos gloriosos anos 80, quando conquistou 28 títulos — entre eles, três Brasileiros, a Libertadores e o Mundial Interclubes (*veja quadro*). Tentou a sorte na Itália, se deu bem, mas não resistiu à distância que o separava do Rio de Janeiro. Voltou para ser, aos 36 anos, o único ídolo da maior torcida do Brasil.

O Flamengo não é mais o mesmo, tenta formar uma nova geração vencedora. Júnior é o elo, o exemplo para os garotos. Suas lições são diárias. "A gente só tem a aprender estando ao lado dele", reconhece o lateral-esquerdo Piá, alvo preferido do mestre, que brilhou durante anos nesta posição. "Ganhamos muito com a sua decisão de continuar jogando." Para o seu ex-reserva e hoje técnico Wanderley Luxemburgo, contar com Júnior dentro e fora do campo é um sólido aliado. Quando enfrentou duras críticas, sempre ouviu a voz do líder sair em sua defesa. "É preciso ter paciência com seu trabalho, nada de conclusões precipitadas", pediu o craque. "Ter apoio de um ídolo como Júnior é mesmo uma ajuda e tanto", concorda Luxemburgo.

Consciente de sua importância para o cambaleante Flamengo, Júnior vai renovar até dezembro seu contrato que terminaria em julho. Até lá, quer adiar a decisão sobre quando parar de jogar ou o que fazer quando isso acontecer. Bem que ele já tentou deixar o futebol. Numa tarde quente de dezembro do ano passado, reuniu a família e anunciou a decisão. "Vou abandonar a carreira", disse, com a voz embargada. Para a mulher Heloísa, 31 anos, com quem está casado há oito, representava o início de uma nova vida ao lado do marido, sempre dividido com a bola. Para as crianças, a decepção de não mais acompanhar de perto a carreira do pai-herói. Para a torcida do Flamengo, o duro golpe de perder seu maior craque.

"Voltei logo atrás quando percebi que ainda tinha fôlego e prazer para seguir", conta Júnior. O filho Rodrigo vibrou ao saber que continuaria entrando em campo como mascote do Flamengo pelas mãos do pai. "Acho que ele tomou a decisão certa", concede Heloísa. "Não suportaria vê-lo em casa sem ter o que fazer." Melhor também para os rubro-negros, que mantiveram seu futebol de toques precisos no meio-campo. Afinal, o craque ainda está com a mesma forma dos tempos em que o "Capacete" — apelido ganho em 1974 por causa do cabelo estilo black-power — comandava as jogadas na lateral-esquerda.

Júnior sabe que não seria feliz longe do futebol. Quando fica fora de alguns jogos, nas raríssimas vezes em que se machuca ou é suspenso, agita-se pela casa da Barra da Tijuca, no mesmo condomínio onde moram os amigos Bebeto e Renato. Liga todos os rádios e televisores, escuta os comentários após as partidas, lê tudo nos jornais do dia seguinte. "Além disso, ele não deixa de lado o futebol italiano, devorando todas as segundas-feiras os jornais que recebe dos amigos", descreve a mu-

Agora no meio, Júnior comanda o jovem Flamengo

NELIO RODRIGUES

ARI GOMES

ANDRÉ DURÃO/AG. O GLOBO

PELO PRAZER DE JOGAR
Dono do time, Júnior faz valer sua condição de capitão: grita com os companheiros, demonstra garra em cada dividida (*à esq.*) e esbanja categoria em lançamentos precisos

lher. Em férias, ainda faz questão de disputar inúmeras peladas no Rio e em Pescara, onde também comprou um apartamento. "Acho que sou mesmo um viciado", brinca.

O craque, que gosta de se vestir somente com roupas e sapatos italianos, aproveita as constantes viagens à Europa para renovar o guarda-roupa. É de lá também que vêm algumas de suas propostas para trabalhar como treinador. Ele mesmo admite que virar técnico deverá ser uma boa solução para permanecer ligado à bola. Depois de vinte anos de carreira e prestes a se tornar o cidadão Leovegildo Lins Gama Júnior, o craque segue curtindo a vida que sempre quis: com a bola no pé ou um pandeiro na mão. O último jogador a retratar com perfeição a alma do Rio de Janeiro.

ARI GOMES

TRAJETÓRIA DE CONQUISTAS AO REDOR DO MUNDO

Ano	Jogos	Gols
1974	11	2
1975	79	-
1976	66	4
1977	51	1
1978	79	12
1979	74	6
1980	61	5
1981	57	3
1982	56	4
1983	61	4
1984	28	1
1989	22	2
1990	48	2
1991*	37	2

**Até o início de julho*

No Mundial, a maior glória

MARCELO REZENDE

A GALERIA DE TÍTULOS

1974	Campeonato Carioca
1975	Quadrangular de Goiânia
	Quadrangular de São Paulo
1976	Quadrangular de Mato Grosso
1978	Taça Guanabara
	Campeonato Carioca
1979	Taça Guanabara
	Campeonato Carioca
	Campeonato Estadual Especial
	Troféu Ramón de Carranza
1980	Campeonato Brasileiro
	Taça Guanabara
	Troféu Cidade de Santander
	Troféu Ramón de Carranza
1981	Taça Guanabara
	Quadrangular de Nápoles
	Campeonato Carioca
	Taça Libertadores da América
	Campeonato Mundial Interclubes
1982	Taça Guanabara
	Campeonato Brasileiro
1983	Campeonato Brasileiro
	Taça Rio de Janeiro
1989	Torneio de Hamburgo
1990	Copa Marlboro - EUA
	Copa Sharp - Japão
	Copa do Brasil

VÔO COM A CANARINHO

Muito mais do que a passagem em dois Mundiais

PEDRO MARTINELLI

UM TIME INESQUECÍVEL
Em 1982, na Espanha, grandes atuações na lateral e uma derrota inesperada para a Itália

PEDRO MARTINELLI

VOLANTE NO MÉXICO
O destino lhe reservou uma nova fatalidade diante da França na Copa de 1986

SÉRGIO SADE

O estilo e o talento no apoio se tornaram marcas registradas de Júnior também na Seleção Brasileira

Ainda garoto, ensaiando suas primeiras jogadas na areia de Copacabana, o pequeno Leo sonhava um dia brilhar com a camisa da Seleção Brasileira. ''Nunca duvidei que teria uma passagem marcante vestindo a canarinho dos meus sonhos'', confessa.

Sua primeira convocação aconteceu em 1976, para uma Seleção Amadora, e a grande chance veio na Copa de 82, na Espanha. Com atuações vibrantes, o então lateral encantou o mundo mas conheceu também sua primeira decepção: três gols de Paolo Rossi separaram o Brasil do tetracampeonato mundial. ''Tudo parecia normal, a gente estava confiante'', recorda, sem compreender até hoje o que aconteceu naquele 5 de julho em Sarriá.

Quatro anos depois, Júnior voltaria a vestir a camisa amarela numa Copa, desta vez no México. Jogando no meio-de-campo, como sempre desejou, tinha a expectativa e a responsabilidade redobradas. Mas não teve melhor sorte: um pênalti perdido pelo amigo Zico na partida contra a França e a derrota nas cobranças alternadas deram fim a seu sonho de ser campeão do mundo pela Seleção. ''Duas tristezas seguidas em Copas do Mundo são mesmo um fato muito marcante'', reconhece.

E haveria uma terceira: o esquecimento de seu ex-amigo Sebastião Lazaroni, que, mesmo sabendo de sua excelente fase técnica, não o incluiu na lista dos convocados para a Copa do Mundo de 1990, na Itália. ''Foi uma grande traição'', diz.

Se o título mundial não veio, Júnior tornou-se um dos dez jogadores que mais vezes defenderam o Brasil (foram 81 jogos em treze anos). Lateral-esquerdo só comparado até hoje a Nílton Santos, meio-campista de qualidade, ele resume sua passagem pela Seleção em uma frase: ''Não dá para reclamar da vida''.

O JÚNIOR DAS COPAS

Foram 81 jogos pela Seleção Brasileira. Esta é a relação das partidas por eliminatórias e Mundiais

Data	Resultado	Adversário	Competição
08/02/81	1 x 0	Venezuela	Eliminatórias Copa/82
22/02/81	2 x 1	Bolívia	Eliminatórias Copa/82
22/03/81	3 x 1	Bolívia	Eliminatórias Copa/82
29/03/81	5 x 0	Venezuela	Eliminatórias Copa/82
14/06/82	2 x 1	URSS	Copa do Mundo/82
18/06/82	4 x 1	Escócia	Copa do Mundo/82
23/06/82	4 x 0	Nova Zelândia	Copa do Mundo/82
02/07/82	3 x 1	Argentina	Copa do Mundo/82
05/07/82	2 x 3	Itália	Copa do Mundo/82

Data	Resultado	Adversário	Competição
02/06/85	2 x 0	Bolívia	Eliminatórias Copa/86
16/06/85	2 x 0	Paraguai	Eliminatórias Copa/86
23/06/85	1 x 1	Paraguai	Eliminatórias Copa/86
30/06/85	1 x 1	Bolívia	Eliminatórias Copa/86
1.º/06/86	1 x 0	Espanha	Copa do Mundo/86
06/06/86	1 x 0	Argélia	Copa do Mundo/86
12/06/86	3 x 0	Irlanda do Norte	Copa do Mundo/86
16/06/86	4 x 0	Polônia	Copa do Mundo/86
21/06/86	1 x 1	França	Copa do Mundo/86

Idade: 36 anos (26/6/55)
Posição: volante
Altura: 1,72 m
Peso: 70 kg
Características: Habilidoso, de toque de bola refinado, Júnior sempre foi um lateral com recursos de meia. Eficiente nos lançamentos e com grande visão de jogo, ele é o cérebro do Flamengo.

Faixa do campo em que atua com mais freqüência

FORA DE CAMPO

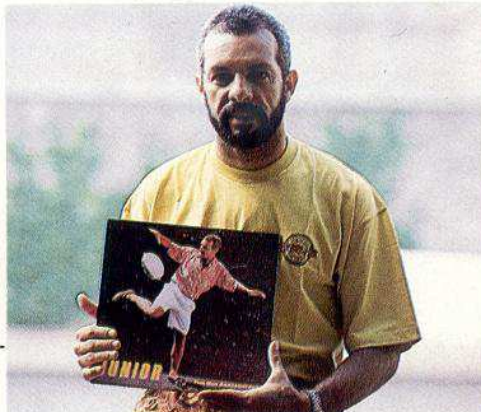
Nem quando está de folga Júnior deixa a bola de lado. É comum encontrá-lo disputando jogos beneficentes ou defendendo o time de futebol de praia do Juventus, principalmente nas férias. Também em Copacabana ele exercita outro de seus programas preferidos: o fut-vôlei.

Fora do esporte, é nas rodas de samba que o craque mais se diverte — chegou a gravar dois discos. "Não consigo convencê-lo a ouvir outro ritmo", reclama a mulher Heloísa. O único hábito que trouxe dos tempos em que morava na Itália é mesmo o tênis, que joga com os amigos quase toda semana. "Só faço o que gosto", assume. "E quantos, hoje em dia, podem ter esse privilégio?", pergunta, feliz, o ídolo rubro-negro.

ARI LAGO

ABRIL

Carnavalesco desde pequeno (*à dir.*), ele costuma desfilar no Sambódromo e gravou dois discos. Já o filho Rodrigo é mascote do Fla

ARI GOMES

NILTON CLAUDINO

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretor-Presidente: Roberto Civita
Diretores: Angelo Rossi, Edgard de Sílvio Faria, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

DIVISÃO REVISTAS
Diretor: Thomaz Souto Corrêa
Diretores de Área: Carlos Roberto Berlinck, Júlio Bartolo, Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida, Ricardo Vieira de Moraes, Roberto Dimbério

Diretor-Gerente: Vanderlei Bueno

Diretor Editorial: Juca Kfouri
Diretor de Arte: Carlos Grassetti

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Álvaro Almeida
Editor: Celso Unzelte
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Reportagem: Paulo Coelho
Editores de Arte: Afonso Grandjean e Walter Mazzuchelli (colaboradores)
Diagramação: André Luiz Pereira da Silva e Mônica Ribeiro (colaboradores)
Assistentes de Produção: Sebastião Silva e Wander Roberto de Oliveira

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP — Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER

IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

GLÓRIA EM VERMELHO E PRETO

Apesar da boa imagem deixada nos cinco anos na Itália, o jogador se consagrou mesmo com a camisa do Flamengo

O Flamengo vencia o América por 1 x 0, pelo turno final do Campeonato Carioca de 1974. De repente, um desconhecido juvenil que jogava na lateral-direita, de nome Júnior, percebeu o goleiro Rogério desatento. Chutando por cobertura, o garoto, que havia começado a jogar futebol na praia, pelo Juventus de Copacabana, fez um gol consagrador, verdadeiro cartão de visitas para sua carreira de sucesso.

Naquela época, havia desistido de jogar na meia, a conselho do treinador e amigo Joel, para quem já existiam muitos jogadores na posição. Por isso, escolheu a lateral-esquerda, onde se consagraria no Flamengo e na Seleção Brasileira. Só voltaria à antiga posição em 1984, na sua primeira temporada italiana. ''Assim não me canso tanto, e ainda tenho uma excelente visão de jogo'', avalia.

O ponto alto dos vinte anos de carreira viria com a conquista do mais importante de seus muitos títulos: o campeonato mundial interclubes pelo Flamengo, em 1981. Para ele, uma conquista tão importante que foi capaz de apagar a mágoa de não ganhar a Copa do Mundo em nenhuma de suas duas tentativas pela Seleção. Foi na primeira delas, aliás, em 1982, na Espanha, que o mundo teve o prazer de conhecer seu futebol. Dois anos depois, ele embarcava para a Itália, onde defenderia o Torino nas próximas três temporadas.

Vice-campeão italiano na temporada 1984/1985, Júnior ficou em Turim até 1987, quando resolveu trocar a camisa grená pela do modesto Pescara. Lá, brilhou por mais dois anos, até a saudade do Brasil e da torcida rubro-negra apertar. ''Como deixar de lado esta alegria, a energia que sinto pelo Rio e pelo Flamengo?'', desafia. Isso forçou sua volta, e antes do tempo previsto estava de novo no Mengo.

Melhor para a torcida. Com seu retorno, ela teve a chance de vê-lo de novo campeão com a camisa rubro-negra: a Copa do Brasil de 1990, conquistada num difícil jogo contra o Goiás, em que ele foi considerado o melhor em campo, mostrou que, aos 35 anos, Júnior ainda esbanjava preparo físico. E o melhor: com o mesmo vigor e classe dos bons tempos.

Na primeira fase na Gávea, talento e muitos títulos na lateral

IGNÁCIO FERREIRA

SUCESSO NO TORINO

SÉRGIO BEREZOVSKY

Logo na primeira temporada, 1984/1985, Júnior levou a equipe de Turim ao segundo lugar

ESTRELA EM TIME PEQUENO

PASTORE/REPOR PRESS

Nos dois anos em que atuou no fraco Pescara, não conseguiu evitar o rebaixamento em 1989

A LUCIDEZ DE QUEM SABE O QUE DIZ

Com a experiência de quase 20 anos de profissional, o craque, líder e guru da nova geração flamenguista, conta que sempre ficará ligado ao futebol

PLACAR — *Até quando você pretende jogar?*
JÚNIOR — A princípio continuo em campo até dezembro, mas tudo depende das minhas condições físicas e até sentimentais. Se continuar sentindo o mesmo prazer em jogar, posso até adiar mais uma vez minha despedida *(risos)*.

PLACAR — *Você está se preparando para aceitar o fim de sua carreira?*
JÚNIOR — Na verdade, já venho me preparando para isso há dois anos. Quero que seja uma saída bem natural, sem qualquer trauma ou problema.

PLACAR — *E já sabe o que fazer no futuro?*
JÚNIOR — Não tem jeito: vou mesmo continuar no futebol, provavelmente como treinador.

PLACAR — *Apareceram propostas?*
JÚNIOR — Recebi boas propostas do Torino e Pescara e até mesmo do Flamengo. Mas, por enquanto, ainda estou estudando.

PLACAR — *Depois de ser considerado um dos melhores laterais do mundo jogando pelo Flamengo, o que você sente ao ver um lateral inexpressivo como o Piá na sua antiga posição?*
JÚNIOR — Estou sempre conversando com ele, pois me preocupo com sua cabeça diante de tantas críticas. Mas o Piá não pode ser o único culpado por um time que vive uma fase muito ruim.

PLACAR — *Você participou de clássicos com apenas 4 000 pagantes nesta confusa Taça Rio. É difícil jogar assim?*
JÚNIOR — Quando vi a arquibancada do Maracanã vazia pela primeira vez em tantos anos num clássico tão importante como um Fla-Flu, fiquei bastante triste. Senti o quanto o futebol brasileiro precisa de um calendário decente e homens honestos e inteligentes para lutar pela salvação do esporte.

PLACAR — *Mas o próximo estadual terá 24 clubes, divididos em duas chaves. É o retrocesso do futebol carioca?*
JÚNIOR — Só Deus sabe como vai ser esta autêntica guerra. O ideal seria continuar com apenas doze clubes. Se assim o Flamengo já tinha um enorme déficit, imagine agora, enfrentando times ainda mais inexpressivos.

NILTON CLAUDINO

"Já recebi propostas do Torino, do Pescara e até do Flamengo para ser treinador, mas ainda estou pensando"

PLACAR — *É por isso que o Brasil não produz mais tantos craques?*
JÚNIOR — Os motivos são diversos, entre eles a pouca estrutura dos clubes. Mas acho que esta Seleção Júnior, vice-campeã do Mundial de Portugal, ainda vai dar o que falar. Paulo Nunes, Marquinhos & Cia. têm um futebol muito eficiente.

PLACAR — *Por falar em Seleção, os garotos mostraram mais uma vez que o jogador brasileiro não sabe cobrar pênaltis...*
JÚNIOR — Acho que tudo não passa de uma terrível coincidência. Não creio que o brasileiro não saiba bater pênaltis e nem acredito em traumas. Se fosse assim, a Itália não teria uma boa Seleção, pois muitos clubes italianos são desclassificados das copas européias nos pênaltis.

PLACAR — *O que representou sua passagem na Seleção Brasileira?*
JÚNIOR — Uma felicidade incomparável, o ponto alto da minha carreira e o sonho dourado de qualquer jogador.

PLACAR — *Você já esqueceu a mágoa de não ter sido convocado para o Mundial, quando atravessava uma excelente fase?*
JÚNIOR — Quem criou esta expectativa foi parte da imprensa e eu acabei embarcando nessa canoa. Mas quem jogou duas Copas não pode ficar martelando nestas coisas tristes.

PLACAR — *Você já perdoou Lazaroni?*
JÚNIOR — Desculpei o técnico, mas o homem Lazaroni, que se dizia meu amigo, jamais terá meu perdão.

PLACAR — *Como você analisa a atitude de Bebeto ao abandonar a Seleção às vésperas da Copa América?*
JÚNIOR — Jamais faria a mesma coisa. Servir a Seleção é uma coisa muito séria. Tenho uma cabeça tão diferente da dele que sequer consigo analisar com frieza sua atitude.

PLACAR — *Ser líder e único craque, aos 36 anos, de um time fraco como o Flamengo não é um fardo muito pesado?*
JÚNIOR — Tenho as costas bem largas para carregar tudo isso. Enquanto tiver satisfação em viver neste ambiente e cabeça para ser um bom líder, não desistirei da profissão.

JÚNIOR
Flamengo

NELSON COELHO

A FORÇA TOTAL DE GILTON SANTE-Ú, C

GILTON
®